

“Mais uma que Jair Bolsonaro ganha”: pistas linguístico-discursivas do discurso da hubris syndrome nos dizeres do presidente

“One more thing Jair Bolsonaro wins”: linguistic-discursive
clues from the hubris syndrome discourse in the president’s
statements

Lisiane Alcaria de Oliveira

Universidade Federal de Alagoas

Aline Bezerra Falcão

Universidade Federal de Alagoas

Lisiane Alcaria de Oliveira

Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas - PPGLL/UFAL. Atua como professora da rede pública estadual do estado do Rio Grande do Sul. <https://orcid.org/0000-0002-4585-6043>.

Aline Bezerra Falcão

Doutoranda pelo programa de Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística - (CNPq/USP). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas - PPGLL/UFAL. <https://orcid.org/0000-0002-7384-2087>.

Recebido em:
01/08/2022

Aceito em:
14/06/2023

MAI / AGO 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 33-48

RESUMO

Este artigo tem por objetivo fazer análise discursiva de uma postagem realizada no perfil pessoal do Presidente Jair Bolsonaro, em 10 de novembro de 2020, na rede social Facebook, sobre a suspensão dos testes da vacina Coronavac pela ANVISA, à época. Adotamos os fundamentos da análise do discurso francesa de Michel Pêcheux (AD). Assim, identificaremos efeitos de sentido, silenciamentos, sujeito, formação ideológica (FI), e discursiva (FD) no discurso. Elegemos, também, como aporte teórico, a tese da *hubris syndrome* (síndrome da arrogância), defendida por Owen (2008), o qual postula que essa pode ser desenvolvida por indivíduos que ocupam espaços de poder. Segundo esse pesquisador, sujeitos afetados por essa síndrome apresentam um padrão de comportamento que os descola da realidade e que deixa pistas linguísticas em seus discursos. Na materialidade analisada, encontramos algumas dessas pistas apontadas por Owen. Nossa conclusão demonstra que o discurso aqui analisado é inscrito, predominantemente, em uma FD político-religiosa, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito discursivo estabelece uma arena política com um adversário, exalta a si mesmo como um ser messiânico, místico e vencedor. Essa FD encontra-se inscrita na FI do capital, cujas desigualdade e competição se constituem como pináculos de sustentação social do atual modo de produção.

PALAVRAS-CHAVE

Análise do discurso. Presidente do Brasil. Discurso da arrogância.

ABSTRACT

This article aims to make a discursive analysis of a post made on the perso-

nal profile of President Jair Bolsonaro, on 11/10/2020, on the social network Facebook, about the suspension of tests of the Coronavac vaccine by Anvisa at the time. We adopted the foundations of Michel Pêcheux's (DA) French discourse analysis. Thus, we will identify effects of meaning, silencing, Subject and the ideological (IF) and discursive (DF) formation to which this discourse is affiliated. We chose, as a device of analysis, the thesis of hubris syndrome (arrogance syndrome) defended by Owen (2008), which postulates that it can be developed by individuals who occupy spaces of power. According to this researcher, subjects affected by this syndrome present a pattern of behavior that detaches them from reality and that leaves linguistic clues in their sayings. In the materiality analyzed, we find some of these clues pointed out by Owen. Our conclusion demonstrates that this discourse is predominantly inscribed in a political-religious DF because, at the same time that the discursive subject establishes a political arena with an adversary, he exalts himself as a messianic and victorious being. This DF is inscribed in the IF of capital, whose inequality and competition constitute the pinnacles of social support for the current mode of production.

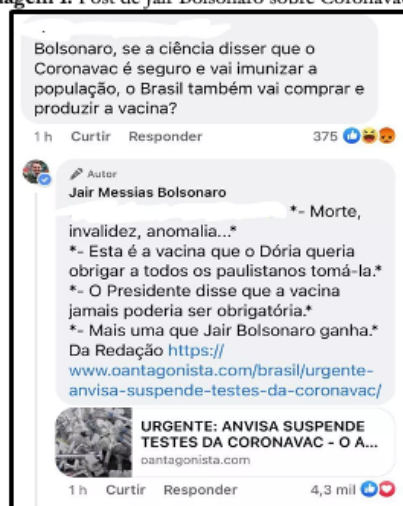
KEYWORDS

Discourse analysis. Brazil's President. Hubris discourse.

1. Introdução

O presente trabalho realiza análise discursiva de uma postagem feita no perfil pessoal do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, na sua página da rede social Facebook, realizada em 10 de novembro de 2020. Trata-se de resposta a uma pergunta de um internauta a respeito da Vacina Coronavac:

Imagem 1: Post de Jair Bolsonaro sobre Coronavac



Fonte: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-presidente-sobre-suspensao-de-testes-da-coronavac.gh.html>.

Utilizamos como aporte teórico os fundamentos da Análise do Discurso Francesa pecheutiana (doravante AD). O artigo está dividido em três partes: na primeira, apresentamos o aporte teórico-metodológico que dará

sustentação às nossas análises. Dessa forma, explanamos alguns conceitos das categorias da AD e, também, algumas noções da teoria da *hubris syndrome* (Síndrome da Arrogância); na segunda parte, fazemos a análise discursiva do nosso objeto: uma postagem na página pessoal de Bolsonaro no Facebook; por fim, trazemos as considerações finais acerca das nossas análises.

2. Aporte teórico-metodológico

Contemplamos as seguintes noções da AD: condições de produção amplas e estritas em que se dá o discurso; memória discursiva; interdiscurso; silenciamento; formação ideológica; sujeito e formação discursiva. Conforme a fundamentação teórica que adotamos, os efeitos de sentido de um discurso não são apenas fruto da ação daquele que enuncia, mas também se estabelecem a partir de um conjunto de fatores. Isso quer dizer que uma palavra/expressão não tem sentido único e estável, mas efeitos de sentido que se filiam a determinadas formações discursivas, que, por sua vez, dependem das posições ideológicas a que os sujeitos discursivos, afetados pelo assujeitamento ideológico, encontram-se (PÊCHEUX, 2009).

A seguir, definimos cada uma dessas categorias que contemplamos para fazer a análise a que nos propusemos neste trabalho.

2.1. Condições de produção (CP), memória discursiva e interdiscurso

Para que compreendamos o que são as condições de produção de um discurso, é importante apreender o conceito de memória discursiva em AD. Pêcheux defende que ela é constituída de “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas” (1999, p. 56). Dito de outro modo, os discursos produzidos partirão sempre de uma retomada de sentidos que se movem, dependendo da posição-sujeito interpelada. Assim, “necessário se faz que tratemos das Condições de Produção desses discursos, como **categoria essencial** no entendimento de como os discursos se constituem [...]” (FLORÊNCIO *et al*, 2009, p. 64, grifo nosso). Orlandi faz uma relação direta entre memória discursiva e interdiscurso, que é outra categoria da AD:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (2003, p. 31).

Ainda conforme Orlandi (2003), as Condições de Produção (CP) referem-se aos sujeitos e à situação. “Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental [...]” (ORLANDI, 2003, p. 30). Orlandi (2003)

defende a necessidade de se considerar as condições em que o discurso foi produzido, pois o efeito de sentido não está na palavra isolada, mas se realiza, sobretudo dentro de um recorte sócio-histórico, afetado por muitas contradições.

Os dizeres não são, como dizemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2003, p. 30).

É assim que os efeitos de sentido estão atrelados às CPs do discurso, as quais são classificadas em amplas e estritas. Aquelas referem-se ao contexto sócio-histórico e ideológico do dizer; estas referem-se às circunstâncias mais imediatas da formulação do discurso (ORLANDI, 2003).

2.2. Silenciamento

O silenciamento comunica o que não é patente, o que é dissimulado, isto é, o funcionamento da ideologia e do inconsciente no interior do discurso, visto que a linguagem serve tanto para comunicar como para não comunicar (PÊCHEUX, 2009). A ideologia também está no silêncio e ela - a ideologia - sempre está relacionada à luta de classes e à materialidade linguística, opaca, escamoteando essa luta. Orlandi (2003) classifica o silêncio de duas formas; a primeira, o *silêncio fundante*; a segunda, a *política do silêncio* que se divide em constitutivo e local. Em relação à primeira, a autora afirma que

[o] silêncio é assim a ‘respiração’ da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é ‘um’, para o que permite o movimento do sujeito. [...] Chegamos então a uma hipótese que é extremamente incômoda para os que trabalham com a linguagem: o silêncio é fundante. Quer dizer que o silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso (ORLANDI, 2007, p. 13-29).

Essa explanação de Orlandi revela que os sentidos sempre podem ser outros, pois o silêncio que atravessa as palavras e está entre elas contempla a necessária relação entre língua e ideologia. Essa relação está subsumida ao imaginário e ao simbólico, que se revelam no silêncio.

Em relação à política do silêncio, Orlandi (2007) lembra que, para dizermos X, temos de excluir A, B, C etc. Este silêncio a autora denomina de silêncio constitutivo, pois a exclusão também significa. Já o silêncio local se refere à censura propriamente dita, “aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura” (ORLANDI, 2007, p. 24).

2.3. Sujeito

Sujeito, para Pêcheux, não é considerado como uma categoria particular, individual. Sujeito, em AD, refere-se a uma posição ideológica. Refere-se a uma tomada de posição daquele que enuncia, isto é:

[...] a tomada de posição resulta de um retorno do ‘Sujeito’ no sujeito, de modo que a não coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele ‘toma consciência’ e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus ‘semelhantes’ e com o ‘Sujeito’ (PÊCHEUX, 2009, p. 160).

Assim, dizemos que o sujeito discursivo se inscreve numa posição ideológica, a do Sujeito Universal - que representa uma ideologia - a quem aquele se assujeita. Desse modo:

Toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos, através do funcionamento da categoria de sujeito. Esta formulação implica, pelo momento, na distinção entre os indivíduos concretos por um lado, e sujeitos concretos por outro, embora o sujeito concreto só exista neste nível num fundamentado indivíduo concreto. Sugerimos então que a ideologia ‘age’ ou ‘funciona’ de tal forma que ela ‘recruta’ sujeito entre os indivíduos (ela os recruta a todos) através desta operação muito precisa que chamamos *interpelação* [...] Portanto a ideologia interpela indivíduos enquanto sujeitos (ALTHUSSER, 1985, p. 96-98).

2.4. Formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD)

As formações ideológicas são as posições, regiões do saber, lugares ideológicos nas quais um determinado discurso é inscrito.

As palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (no sentido definido mais acima) nas quais essas posições se inscrevem. [...]. (PÊCHEUX, 2009, p. 146, grifo nosso).

Já as formações discursivas são:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sobre a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Assim, Pêcheux defende que são as formações discursivas que atribuem sentido às palavras, porque são nas FD que são reveladas as posições do sujeito e a formação ideológica em que o seu discurso está inscrito, visto que “[...] a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido (sua ‘matriz’ – por assim dizer) [...]” (PÊCHEUX, 2009 p. 148). É “a formação discursiva a projeção da ideologia no dizer” (ORLANDI, 2003, p. 55).

A relevância dos estudos em AD se estabelece por permitir a identificação de sentidos e a identificação do sujeito do discurso e da ideologia que, muitas vezes, são escamoteados pela não transparência da linguagem. “O não-um (os muitos sentidos), o efeito do um (o sentido literal) e o (in)de-

finir-se na relação das muitas formações discursivas tem no silêncio o seu ponto de sustentação” (ORLANDI, 2003, p. 15).

É sob essa perspectiva que intentamos atravessar a opacidade da materialidade linguística e identificar os efeitos de sentidos que emergem do discurso do presidente Jair Bolsonaro, a FI em que esse discurso se inscreve, bem como a FD predominante à qual se filia.

Além disso, propomos uma interface com outra teoria, a teoria da Síndrome de Hubris, que remete também a um comportamento linguístico adotado pelo presidente.

3. Síndrome de Hubris

A Síndrome de Hubris é a teoria que elegemos para somar às noções e categorias da Análise do Discurso e que nos auxiliará a reconhecer as marcas linguístico-discursivas do discurso do presidente. Os conceitos dessa teoria aqui contemplados foram elaborados e desenvolvidos pelo médico, pesquisador e político David Owen (2008). Tais conceitos explicam os sintomas da *Hubris Syndrome* (Síndrome de Hubris). E Owen postula que a Síndrome de Hubris (ou síndrome da presunção/arrogância) pode ser desenvolvida quando o indivíduo ocupa algum posto de poder e ela deixa pistas nos dizeres de quem é por ela acometido. Veja-se:

A síndrome de hubris está inextricavelmente ligada ao poder, na verdade, poder é um pré-requisito e, quando o poder passa, a síndrome normalmente terá remissão. O resultado parece ter alguma relação com o cumprimento de tempo que o indivíduo está no comando. Isto evolui e é melhor compreendido como sendo um *continuum* com comportamento normal. Os sintomas comportamentais em um chefe de governo que pode desencadear o diagnóstico de síndrome de arrogância geralmente cresce em força e pelo menos três ou quatro sintomas da lista a seguir deve estar presente antes de qualquer diagnóstico desse tipo seja contemplado:

- uma propensão narcisista de ver o mundo, principalmente como uma arena na qual eles podem exercitar poder e buscar a glória ao invés de um lugar com problemas que precisam ser abordados de forma pragmática e de maneira não autorreferencial; [...]
- **uma maneira messiânica de falar sobre o que eles estão fazendo e uma tendência à exaltação na fala e maneira;**
- **uma identificação de si mesmos com a nação, na medida em que consideram a perspectiva e os interesses dos dois como idênticos;**
- **uma tendência de falar de si na terceira pessoa ou uso do ‘nós’ majestoso; [...]**
- autoconfiança exagerada, beirando a sensação de onipotência, naquilo que eles pessoalmente podem alcançar; [...]
- inquietação, imprudência e impulsividade;
- perda de contato com a realidade, muitas vezes associada a isolamento progressivo; [...]
- um conseqüente tipo de incompetência na realização de uma política, o que poderia ser chamado de incompetência arrogante. Isto é onde as coisas dão errado precisamente porque muita autoconfiança levou o líder a não se preocupar com as porcas e parafusos de uma política. [...] (OWEN, 2008, p. 428, tradução e grifo nosso).

Owen postula que durante a sua geração foram poucos os que apresentaram essa síndrome. Entre eles, cita: Jonh Kennedy, George W. Blush

e Margareth Thatcher (OWEN, 2008). Recentemente, Owen publicou o livro: *The Road to Donald Trump: Power, Populis, Narcissism* (2018), em que ele também reconhece o então presidente dos EUA como alguém que foi acometido pela Síndrome de Hubris e faz uma criteriosa análise de seus dizeres e comportamentos.

4. Análises

Iniciamos nossa análise partindo das CP amplas do discurso. O Coronavírus surgiu na China no final de 2019, alastrou-se pelo mundo e a pandemia foi oficialmente declarada como tal pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020. A partir daí, cientistas de todos os continentes buscaram soluções para resolver essa crise global. As prescrições das autoridades sanitárias defenderam, como medida preventiva, o distanciamento social, a prática da higiene das mãos, a utilização do álcool em gel e o uso de máscara. Enquanto isso, levantou-se um mutirão científico global, em que pesquisadores buscaram desenvolver vacinas contra o vírus, tais consideradas pela comunidade científica internacional como a única solução eficaz contra a pandemia.

Durante esse período, no Brasil, houve duas trocas de ministros da saúde. As políticas sanitárias de Bolsonaro foram de encontro ao que a comunidade científica defendia. Enquanto as autoridades da área defendiam que todas as pessoas fizessem o uso de máscara e mantivessem o distanciamento social, o presidente, na maioria das vezes, aparecia em público sem máscara e promovia aglomerações. Também discordou das medidas de restrição de circulação da população decretadas por governadores e prefeitos, alegando que isso prejudicaria a economia do país, argumento esse combatido por economistas e autoridades sanitárias. Em relação às vacinas, manteve-se o contrário. Em meados de 2020, a farmacêutica Pfizer ofereceu, várias vezes, ao Ministério da Saúde 70 milhões de doses da vacina fabricada por ela, entretanto o Governo Federal demorou meses para responder à oferta. Bolsonaro questionou a segurança das vacinas, quando, em um evento na Bahia, afirmou: “Se você virar um jacaré, é problema de você, pô (sic)”¹.

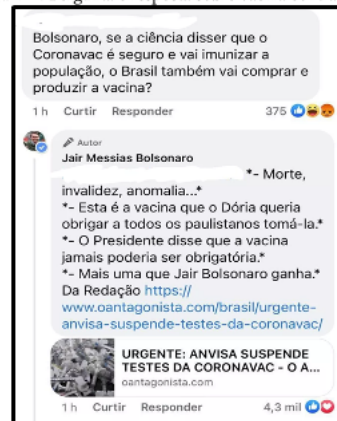
Entretanto, a vacina a qual ele mais se opôs foi a Coronavac, que teve como protagonista o então governador de São Paulo – João Dória Júnior. Este foi quem primeiro celebrou contrato com um laboratório estrangeiro para aquisição de vacinas. A Sinovac e o Instituto Butantan fecharam acordo para o desenvolvimento do imunizante Coronavac em solo brasileiro. Por isso, o presidente travou um campo de disputa política com João Dória, que já havia se apresentado como possível concorrente à presidência da república em 2022. Ao anunciar a imunização em São Paulo, antes mesmo de o Ministério da Saúde apresentar um plano nacional de imunização, o governador poderia, com isso, captar capital político e, assim, poderia tornar-se uma ameaça à reeleição de Bolsonaro. Essas são as condições amplas da produção do discurso do presidente que nos interessam para esta análise.

Vamos explicar agora as condições estritas da produção do dizer na

postagem. Primeiramente, é importante destacar o meio pelo qual a materialidade linguística a que nos propusemos a analisar foi veiculada, que é uma rede social. As redes sociais tornaram-se um veículo de grande interação comunicacional entre os políticos e a população, e Bolsonaro se utiliza muito dessa ferramenta para se comunicar diariamente com seus seguidores por meio de postagens escritas e vídeos, principalmente *lives* semanais.

Vamos rever a pergunta do internauta e a resposta do presidente a ele na postagem do Facebook a que nos propusemos a analisar:

Figura 2: Pergunta e resposta sobre vacina contra a Covid-19



Fonte: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-presidente-sobre-suspensao-de-testes-da-coronavac.ghtml>.

É importante ressaltar dois fatos significativos que ocorreram antes e logo depois dessa postagem. O primeiro diz respeito ao motivo de a Anvisa ter suspenso os testes da vacina Coronavac. A razão da suspensão foi que um dos voluntários que participou dos testes faleceu. A agência, então, decidiu que os testes deveriam ser suspensos até que fosse apurado o motivo da morte do voluntário. O segundo fato ocorreu no dia seguinte à suspensão, quando se descobriu que o voluntário havia se matado e que, portanto, a razão da sua morte não mantinha conexão com o fato de ele ter participado dos testes da Coronavac.

Verificamos na postagem que o presidente ainda postou o link da notícia da suspensão das vacinas veiculado no site jornalístico O *antagonista*, o que confere um efeito de veracidade ao fato defendido pelo presidente. Entretanto, a postagem feita no perfil de Bolsonaro, na sua página no Facebook, foi apagada logo depois de a informação da *causa mortis* do voluntário ser divulgada pela imprensa.

As implicações de efeitos de sentido que todos esses eventos produziram sobre o discurso aqui analisado serão contemplados nas análises das sequências discursivas (SD) a seguir.

SD 1 - *- Morte, invalidez, anomalia...*

A primeira questão a ser observada aqui é a pergunta do internauta que gerou a resposta do presidente. O internauta queria saber se o governo iria adquirir e promover a produção da vacina, caso a ciência atestasse a sua se-

gurança. Vamos analisar o discurso da resposta do presidente, verificando cada uma das SD.

A resposta à pergunta é dada de forma evasiva. Bolsonaro não responde se vai ou não comprar e produzir a vacina. A manobra discursiva é esvaziar os sentidos da pergunta, desvirtuando-a, atribuindo efeitos de sentido outros às respostas, quando o sujeito discursivo se utiliza de modalizadores que depreciam a vacina, enquanto esta ainda não havia sido aprovada pela *ciência*. Aqui há o reconhecimento tácito de que a *ciência* não é um agente abstrato, ela tem um corpo no Brasil, visto que é representada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) que, a priori, chancela o que tem comprovação científica e o que não tem.

É importante destacar que o sujeito discursivo regula o discurso materializado na resposta para que ele – o discurso – seja mantido fiel à FD e à FI às quais o sujeito discursivo se identifica. É nessa posição que o sujeito discursivo, no caso o presidente, vai manter a fidelidade de seu eleitorado. Consideremos essa questão mais a frente quando nos detivermos sobre a FD e a FI desse discurso.

A depreciação da vacina é identificada no emprego dos substantivos *morte*, *invalidez*, *anomalia*, que são utilizados como modalizadores para caracterizar a vacina como deletéria à integridade física dos indivíduos. Nesse ponto do fio discursivo, identificamos dois movimentos interdiscursivos importantes que emergem desse enunciado e que devem ser considerados: primeiro, esse dizer retoma do interdiscurso o medo generalizado das anomalias genéticas, como aquelas provocadas pelo lançamento das duas bombas atômicas no Japão em 1945. Todo imaginário popular, principalmente na ficção, a partir de produções bibliográficas e cinematográficas, está repleto de casos de mutantes que geralmente apresentam aparência física e cognitiva alteradas a partir de algum procedimento genético. É desse lugar que é ativada a memória que o desenvolvimento de uma vacina, que utilize proteína do DNA, poderia provocar anomalias e alterações genéticas. No entanto, essa fala do presidente produzida para atacar seu adversário político e provocar reações populares de resistência à vacina Coronavac não tem qualquer respaldo científico: “O que acontece é apenas uma simulação do que a própria infecção natural provoca nas células humanas. Os vírus em si apenas usam o maquinário das nossas células para criar suas cópias” (PASTERNAK *apud* PINHEIRO, 2021, n.p.).

O segundo movimento interdiscursivo a que nos referimos evoca as diversas *fakenews* que foram disseminadas envolvendo a vacina Coronavac, na mesma época em que a postagem do presidente foi feita. Vários vídeos e textos circularam pela internet contendo desinformações de que a vacina *chinesa* continha um chip que monitoraria as pessoas, que causaria anomalias (como o câncer, por exemplo) e até que o imunizante continha o vírus HIV. Teorias da conspiração recorrentes defendiam, ainda, que o vírus teria sido produzido em um laboratório chinês por motivações econômicas e políticas.

Assim, o presidente, utilizando-se desses modalizadores (*morte*, *invalidez*, *anomalia*), ratifica o conteúdo dos vídeos e textos que viralizaram, atribuindo sentidos de verdadeiro ao que é falso, pela posição de presidente que ocupa, a qual gera credibilidade. E aqui há um silenciamento importante:

a imposição do medo. A imposição do medo é um instrumento que alguém instituído no poder pode utilizar para convencer a população de algo que vá ao encontro dos objetivos de quem governa. A História revela vários casos como este. À época da Ditadura no Brasil, por exemplo, o golpe de 1964 foi forjado sob o medo da instauração do *comunismo*² no país, o qual foi incutido a muitos empresários e a boa parte da população. E, como o comunismo foi apresentado como um modo de produção demonizado às massas, parte do povo respondeu positivamente ao estímulo de generais e de vários civis. Todavia, tal temor não encontra respaldo nos fatos históricos. O que ocorreu foi uma manobra imposta pelos militares para executarem o golpe.

Outro importante ponto a ser destacado na materialidade linguística a que nos propusemos a analisar é a estilística adotada na postagem, caracterizada pela fragmentação de pensamento. Não há um encadeamento de ideias. O que há são proposições pontuadas por meio de tópicos, os quais são precedidos por hífen, fazendo as vezes de um marcador, e o uso de asteriscos que abrem e fecham cada ideia. Esse estilo adotado na postagem expande o potencial interpretativo do leitor, visto que aumenta as lacunas a serem preenchidas por aquele que lê, o que facilita a extrapolação no momento de interpretar.

Assim, considerando as CP amplas e estritas do discurso, verificamos uma manobra discursiva que escamoteia os efeitos de sentido da pergunta que foi postada, reconfigura a tônica da conversa e vai ao encontro da pauta que o sujeito discursivo deseja que seja imposta. Portanto, considerando os efeitos de sentido identificados na SD1, compreendemos que a FI a que esse discurso se inscreve é a do capital e a FD predominante é a política, visto que as bases do capitalismo e da política, na qual esta última está subsumida àquela, assentam-se na manipulação, pois tudo neste modo de produção pode ser convertido em mercadoria, inclusive a opinião dos indivíduos. E a manipulação destes é uma imposição do capital, como bem diz Lukács:

[...] nos meios da grande indústria, surge um produto destinado ao consumo de massa (basta pensar em produtos tais como lâminas de barbear) que torna necessário um aparato especial para levar milhões de lâminas de barba aos consumidores particulares. **Estou convencido de que todo o sistema de manipulação, do qual estamos falando, surgiu desta necessidade e depois estendeu-se também à sociedade e à política. Agora este mecanismo domina todas as expressões da vida social, desde as eleições do presidente até o consumo de gravatas e cigarros** (LUKÁCS, 2014, p. 66, grifo nosso).

Essa manipulação de que fala Lukács é visível no dizer do presidente mediante a manobra linguística utilizada que revela seu principal objetivo: a preservação e a ampliação do seu eleitorado com vistas à reeleição presidencial. Dessa feita, verifica-se, nesta detração à vacina Coronavac, uma manipulação que incute medo à população, cuja motivação não é a de proteção dos brasileiros, mas de interesses políticos, o que inscreve essa SD1

2 O apelo ao medo do comunismo também é utilizado hoje pelos bolsonaristas, em especial, por influenciadores digitais, pelos filhos do presidente e até mesmo pelo próprio Jair Bolsonaro em várias manifestações públicas. Trata-se de uma estratégia para a manutenção do poder, embora a causa difundida para o medo não encontre lastro algum com a realidade, isto é, com o atual contexto histórico e político brasileiro.

em uma formação discursiva política.

SD2 – *-Esta é a vacina que Doria queria obrigar a todos os paulistanos a tomá-la.*

Nesta SD, verificamos a conclusão da manobra discursiva que o sujeito discursivo faz para regular o funcionamento do discurso, pois é preciso lembrar que o então governador de São Paulo apressou-se para promover a vacinação no estado que governa. Para isso, celebrou contratos com o laboratório chinês Sinovac e o Instituto Butantan, no Brasil, para a produção do imunizante Coronavac. Assim, o sujeito discursivo, vislumbrando o capital político que seu adversário poderia produzir ao imunizar primeiro a população de seu estado, traçou, como discurso, a detração não só da vacina e dos seus potenciais efeitos colaterais, como também de quem a promoveu. Na SD2, a manobra discursiva sela o movimento discursivo da SD1 por meio de uma deriva aqui presente, visto que há um implícito que se revela no dizer: o efeito de sentido de que seu opositor seja um agente do mal, um vilão que deseja que a população tome a vacina que lhes trará *morte, invalidez, anomalia*.

Contudo, existe ainda um agravante: os efeitos de sentido que apontam para o tolhimento do exercício da liberdade dos paulistanos, visto que o sujeito discursivo afirma que o governador queria *obrigar* os indivíduos a tomar o imunizante que causa morte, invalidez e anomalia. Portanto, os efeitos de sentido que apontam o governador João Dória como um vilão, cujos intentos malignos se revelam através da morte de um voluntário que participou dos testes e morreu em decorrência de tomar a vacina, são ratificados. Lembramos, entretanto, que algumas horas depois da postagem do presidente, a imprensa noticiou que o voluntário faleceu por suicídio, não havendo qualquer relação de causa e efeito com a vacina Coronavac.

Depois da veiculação dessa notícia, a postagem do presidente foi apagada da sua conta pessoal. Identificamos, neste apagamento, outro discurso. Um discurso que simula um arrependimento. Contudo, pelo caráter político da postagem que as CP nos revelam, os efeitos de sentido que emergem desse apagamento indicam uma retificação do discurso anterior a fim de que a imagem do presidente não fosse maculada. Afinal, não seria de bom tom diante de seus eleitores e, principalmente, opositores comemorar um suicídio.

Além disso, o discurso premonitório do presidente não se confirmou: as vacinas não se provaram deletérias aos seres humanos e a pesquisa iria continuar. Vemos, então, o discurso da *infallibilidade* e do *místico* desmoronando. Assim, o melhor modo de reduzir as perdas e os danos provenientes da não confirmação do prenúncio do fracasso da Coronavac e da celebração de um suicídio foi cooperar para o esquecimento do dito, tentando apagar o que dele pode ser lembrado. Contudo, o apagamento da postagem não corrige os danos dela decorrentes, visto que não se pode *deletar* nem o dizer nem seu contexto histórico da memória dos leitores e muito menos qualquer postagem na internet, em que nenhum registro pode ser apagado de todo. Os efeitos de sentido do erro *profético* em relação à vacina e da celebração de uma morte por suicídio seguiram em um *continuum*.

Em relação à terceira pessoa do singular empregada pelo presidente nessa postagem, os efeitos de sentido que daí emergem consolidam a pista discursiva que aponta para o discurso da síndrome da arrogância. Como vimos mais acima, uma das pistas discursivas que caracterizam o discurso do sujeito que apresenta esta síndrome é “uma tendência de falar de si na terceira pessoa do singular ou uso do ‘nós’ majestoso” (OWEN, 2008, p. 428). O presidente não utiliza nem uma vez a referência a um *Eu*, mas sim a um *Ele* quando fala de si mesmo. Verifiquemos os efeitos de sentido que emergem desse dizer em terceira pessoa: é um *ele* grandioso, um presidente que se coloca em oposição ao *vilão*; é um benfeitor que não obrigou a população a se vacinar com uma vacina com potencial prejuízo à saúde humana. Novamente verificamos mais um traço de *hubris* nesse discurso, visto que há “[...] uma maneira messiânica de falar sobre o que eles estão fazendo e uma tendência à exaltação na fala e maneira” (OWEN, 2008, p. 428). Isto é, a exaltação ao dito do presidente, aqui, remete ao divino e ao infalível.

Nesta direção, verificamos um maniqueísmo, em que a única possibilidade de posição dos sujeitos são os extremos, o bem ou o mal: o lado do bem – representado pelo sujeito do discurso, o presidente que não obriga a população a tomar uma vacina que pode matar, isto é, garante a liberdade da população; e o lado do mal, representado por aquele a quem o sujeito discursivo detrata, o qual deseja o mal dos seus governados e que os obriga a tomar uma vacina que lhes causa morte, invalidez, anomalia. Assim, verificamos uma pista discursiva que nos conduz, mais uma vez, a uma característica do discurso da arrogância, visto que é possível perceber, na materialidade linguística aqui analisada,

[...] uma propensão narcisista de ver o mundo, principalmente como uma arena na qual eles podem exercitar poder e buscar a glória ao invés de um lugar com problemas que precisam ser abordados de forma pragmática e de maneira não autorreferencial [...] (OWEN, 2008, p. 428).

As marcas linguísticas do discurso de *hubris* também podem ser percebidas por colocar em evidência, mediante o verbo dizer no pretérito perfeito do indicativo, uma opinião premonitória: *O presidente disse* [...]. Faremos uma paráfrase dessa expressão para explicar melhor este ponto: *O Presidente já havia predito* ou *O Presidente estava com a razão*. Eis a pista de uma fala egoíca cujos efeitos de sentido apontam para a exaltação da figura do presidente como aquele que sempre tem razão. Assim, os sentidos da infalibilidade e da premonição se sobressaem nesta fala. Esses dialogam interdiscursivamente com outras falas de Jair Messias Bolsonaro, as quais conferem um efeito de sentido divinizado, místico e premonitório ao seu nome do meio, Messias. Uma dessas falas ocorreu em abril de 2020. Questionado sobre o número de mortos por Covid-19 naquela data, o presidente retrucou: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.”³

Conforme define o dicionário Houaiss (2009), a palavra messias significa,

1. REL para os judeus, redentor prometido por Deus para redimi-los, e à sociedade, estabelecendo uma nova ordem social de paz, de justiça e de liberdade (inicial maiúscula). 2. REL para os cristãos, esse ser na pessoa de Jesus Cristo (inicial maiúscula). 3 p. ext. fig. indivíduo aceito como líder, capaz de propiciar um estado de condição desejável numa sociedade; reformador social, salvador; 4 p. ext. fig. pessoas ansiosamente esperada. [...] (HOUAISS, 2009, p. 1280).

Assim, entendemos que os efeitos de sentido do enunciado “Eu sou Messias, mas não faço milagre” apontam tanto para o próprio nome do presidente, como para os sentidos mais estritos da palavra *messias*. Verificamos que, para os dois primeiros significados apontados pelo dicionário, o sintagma deve ser escrito com a primeira letra maiúscula, à semelhança do nome do meio do presidente, que é um substantivo próprio. Portanto, há na afirmação *Eu sou Messias, mas não faço milagre*, uma sobreposição de sentidos que apontam tanto Bolsonaro como indivíduo humano identificado pelo sobrenome como para o *enviado de Deus*, isto é, um ser *ungido* para ser o presidente do Brasil, a quem é atribuída uma missão divina de ser um *reformador social* por intermédio do cargo que ocupa. Lembremos também do eleitorado fiel de Bolsonaro a quem ele se dirige: parte significativa deste é evangélica, que acredita tanto no Cristo quanto Messias de Deus, como também no envio providencial de outros *profetas* à Terra. Entendemos, assim, que o campo semântico pelo qual o sujeito discursivo transita é bastante conhecido por boa parte do seu público-alvo.

Além disso, temos de considerar que os apoiadores de Bolsonaro costumam chamá-lo de *mito*. Os efeitos de sentido dessa *alcunha* também ecoam no discurso do presidente e se movimentam no interdiscurso. Lembremos que o sintagma *mito* refere-se tanto a começos e origens - que pode aludir à nova política que o presidente prometeu, durante a campanha eleitoral, que implantaria no Brasil - como também remete aos deuses da mitologia e, nesse sentido, vemos a ratificação dos sentidos da renovação social, do sagrado e do místico nesse discurso.

Assim, a SD2 dialoga, interdiscursivamente, tanto com a *alcunha mito*, consagrada nas redes sociais e nas apresentações públicas do presidente, quanto com o dizer *Sou Messias, mas não faço milagres*, os quais evocam efeitos de sentidos que remetem à infalibilidade e à premonição, atributos reconhecidos do mito e do Messias: “O Presidente disse [...] *mais uma* que Bolsonaro ganha”, isto é, o efeito de sentido de ganhar vai além de vencer o adversário na disputa de uma questão: ele acertou mais uma premonição. Em relação a isso, é ratificada a presença do discurso da *hubris* ao que Owen se refere como “[...] uma maneira messiânica de falar sobre o que eles [os afetados pela síndrome] estão fazendo e uma tendência à exaltação na fala e maneira” (OWEN, 2008, p. 428).

Entendemos que, além do discurso dessa SD inscrever-se numa FI do capital que estabelece bases de desigualdade entre os indivíduos, a sua FD correspondente é a político-religiosa, visto que os efeitos de sentido do político e do religioso se imiscuem, formando um discurso teocrático.

SD 4 - *- Mais uma que Jair Bolsonaro ganha.*

Nesta SD, vê-se a ratificação dos efeitos de sentido constantes na SD anterior no que diz respeito ao emprego da terceira pessoa do singular. Entretanto, há um elemento novo incorporado à escolha de foco narrativo: o uso da terceira pessoa não mais se refere ao cargo ocupado – presidente – mas se refere à pessoa de Jair Bolsonaro, isto é, os efeitos de sentido desse dizer ganham contornos de uma disputa pessoal com João Dória. Verificamos, então, outra pista linguístico-discursiva apontada por Owen: o sujeito faz “uma identificação de si mesmo com a nação, na medida em que considera a perspectiva e os interesses dos dois como idênticos” (2008, p. 428). Essa SD nos permite interpretar que não há consciência das fronteiras que separam a pessoa Jair Bolsonaro do cargo de presidente da República que ocupa. O sujeito discursivo ignora que República significa *coisa pública* e a confunde com a sua própria pessoa.

Além do uso da terceira pessoa em que ele enfatiza a pessoa e não o cargo, algumas perguntas norteiam o caminho na análise dessa SD: se Jair Bolsonaro ganha mais uma, o que ele ganha? De quem ganha? Quais *outras* teriam ganhado?

O presidente comemora a suspensão temporária dos estudos da Coronavac pela Anvisa como uma vitória pessoal. O efeito de sentido que se sobressai nesta comemoração é a alegria que vem assentada sobre a morte de uma pessoa. Não houve uma nota de pesar pela morte, apenas a manifestação de contentamento pelo seu *ganhar*, fato que ratifica o que vínhamos defendendo sobre a demonstração narcísica neste discurso, pista linguística típica de discurso de líderes acometidos pela *hubris*.

Em relação ao verbo *ganhar*, o qual veio acompanhado pelo não-dito, podemos inferir que seus efeitos de sentido apontam para um capital político, já que ele considera que acertou na sua previsão de que a vacina não era confiável. E quem perde? Neste caso específico, seria o governador João Dória, que perdeu tanto investimento financeiro, isto é, dinheiro público apostado na produção da vacina, quanto capital político. Há também que se considerar aqui o advérbio *mais*, o qual denota um implícito de que ele ganhou outras competições, como no do caso do impeachment do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, por exemplo, outro adversário político de Bolsonaro. Quando a Polícia Federal descobriu e revelou a corrupção com a qual o governador do Rio de Janeiro estava envolvido, o presidente comemorou a queda do governador, afirmando que este tinha sido abatido com “tiro de canhão”.⁴

Seguindo na linha das respostas às perguntas aqui formuladas, identificamos outro silêncio constitutivo nessa SD, pois as escolhas dos sujeitos nessas orações da SD1 e da SD2, que estão na voz ativa, tem como referente ou o presidente, ou a pessoa de Jair Bolsonaro. Não existem pistas linguísticas que apontem para o fato de que o maior perdedor com o aparente fracasso dos estudos da vacina seria a população. Pelo contrário, a ênfase aqui está na pessoa de Jair Bolsonaro e nos efeitos de sentido que emergem do verbo ganhar. Neste sentido, verificamos, novamente, pistas pontuais do

discurso de *hubris*: o narcisismo. O enunciado do sujeito discursivo revela exatamente isto: a preocupação com a exaltação da figura do cargo de presidente e da pessoa de Jair Bolsonaro e não uma preocupação com a crise sanitária que acomete o país. A crise, politizada, é uma arena de palavras e decisões em que a importância do *ganhar*, no âmbito do indivíduo, estabelece-se em detrimento do que é coletivo.

5. Considerações finais

Como afirma Pêcheux (2009, p. 94), todo discurso é ideológico. É carregado de material simbólico que se movimenta no e pelo interdiscurso. No caso da materialidade linguística que analisamos, o explícito foi o carro-chefe no discurso do sujeito discursivo: os efeitos de sentido que remetem à comemoração da suspensão dos testes de uma vacina que salvaria muitas vidas e à celebração da morte de alguém que, horas depois da postagem do presidente, foi confirmada como suicídio. Entretanto, não houve retificação da postagem nem nota de pesar pela morte. A postagem foi apagada. Mas o apagamento também é discurso, também produz efeitos de sentido: não é de bom tom, politicamente falando, comemorar um suicídio. Além disso, o presidente não havia acertado o seu prenúncio de fracasso da vacina Coronavac. O seu dom de prever fatos não se confirmou.

Na postagem do Facebook, o *ganhar* do presidente (cargo ocupado) e do Jair Bolsonaro (pessoa) recebeu maior destaque do que a morte de alguém. Não obstante isso, identificamos o não-dito silenciado nesse discurso: o ganho do capital político do presidente na competição pessoal com João Dória. O sujeito discursivo encena-se como *sujeito-Estado*, mitigando as fronteiras entre a pessoa física, que é e a posição política que ocupa, encarnando um sujeito cujos discursos se revelam como inscritos na Formação Ideológica do Capital, em que a competição está acima da vida humana. Aqui os efeitos de sentido narcísicos da Síndrome de Hubris se evidenciam.

Seu dizer reativa e ratifica efeitos de sentido latentes no interdiscurso: os conteúdos de *fakenews* que viralizaram na internet à época - a vacina que produziria *morte, invalidez, anomalia*. Além disso, a detração como instrumento de desestabilização do seu adversário político (o governador que queria obrigar a população a se vacinar com o imunizante que seria deletério à saúde e à vida humana) também foi evidenciada.

Nessa materialidade analisada, os efeitos de sentido do político, religioso e místico se fundem. Assim, a formação discursiva predominante que identificamos é a político-religiosa, visto que o sujeito discursivo se refere a si mesmo, em terceira pessoa, não apenas como presidente de um país, mas também como um ser infalível e profético que acerta as suas previsões. Nessa arena linguística, o sujeito discursivo estabelece um jogo político maniqueísta, cujos jogadores podem pertencer somente a dois times: ou o do mocinho ou o do vilão.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FLORENCIO, Ana Maria Gama *et al.* **Análise do Discurso: fundamentos e prática.** Maceió: Edufal, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LUKÁCS, G. **Conversando com Lukács: entrevistas a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz.** São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 4. ed. São Paulo: Unicamp, 1997.

OWEN D. Hubris syndrome. *In: Clinical Medicine.* London, vol. 8, nº 4, Aug 2008. Disponível em: <https://www.rcpjournals.org/content/clinmedicine/8/4/428>. Acesso em 15 mar. 2021.

OWEN D. **The Road to Donald Trump: Power, Populis, Narcissism.** London: Methuen Publishing Ltd, 2018.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In: ACHARD, P. et al. (Org.). Papel da memória.* Campinas (SP): Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PINHEIRO, C. **Vacinas de DNA e RNA contra coronavírus não causam alterações nos genes.** *In: Veja saúde.* Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/vacinas-de-dna-e-rna-contr-coronavirus-nao-causam-alteracoes-nos-genes/>. Acesso em: 13 jan. 2021.